O INEM nunca deixa desculpas

Publicado em 2025-09-26 15:41:12



"Era velho... e deixou-se falecer"

Crónica de uma morte desassistida

Em Portugal, quando o INEM falha — e falha com consequências irreversíveis — há sempre um desfecho previsível, quase ritualístico: um relatório sóbrio, burocrático, assinado por entidades anónimas, que conclui serenamente que "tudo foi feito segundo as melhores práticas". E pronto, o falecido que descanse em paz... se possível, sem levantar problemas.

Na última ocorrência, como em tantas outras, uma vítima esperou. Esperou com dores, esperou com angústia, esperou

com o coração em contagem decrescente. E o INEM...
demorou. Porque havia outras prioridades, porque o sistema
estava sobrecarregado, porque os algoritmos disseram que
não era grave o suficiente. Quando chegou — se chegou — já
não havia corpo que valesse a pena socorrer. Havia apenas
um registo para arquivar.

"Era idoso. Deixou-se falecer."

Como quem diz: o problema não foi do sistema. O problema foi da vítima, que teve o atrevimento de morrer fora de horas.

Esta normalização do absurdo, esta maquilhagem constante do falhanço, esta arte de tapar buracos com PowerPoint e palavras ocas, tornou-se a grande especialidade nacional. Quando alguém morre por desassistência, a culpa é sempre de *outra coisa*: da idade, das comorbidades, do destino, do karma — **nunca da negligência**. Nunca do atraso. Nunca da desumanização dos serviços que deveriam, por vocação e obrigação, estar ao lado da vida e não da estatística.

O mais trágico? Já nem há escândalo.

As mortes desassistidas deixaram de chocar.

Tornaram-se ruído de fundo.

Colaterais de um sistema que se pretende perfeito... no Excel.

Vivemos num país onde se morre à espera, onde a idade se transforma em atenuante da culpa institucional,

e onde a compaixão foi arquivada com as fichas clínicas.

